

# DUAS DIFERENTES CONCEPÇÕES ARQUITETÔNICAS PARA ESCOLA: UMA NO BRASIL, OUTRA NA HOLANDA

DOS DIFERENTES IDEAS DE ARQUITECTURA PARA ESCUELAS: UNA EN BRASIL, OTRO EN  
HOLANDA

TWO DIFFERENT ARCHITECTURAL CONCEPTS TO SCHOOL: ONE IN BRAZIL, ANOTHER IN  
NETHERLANDS

Eixo temático: O lugar da teoria, da crítica e da história no projeto

**Giuliano Orsi Marques de Carvalho**

Doutorando em Arquitetura e Urbanismo do PPGAU-UFRN; professor assistente do CAU-UFT

**Maria de Fátima Torres Jácome**

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo do PPGAU-UFRN

**Resumo:** O presente artigo objetiva analisar dois projetos arquitetônicos bastante contrastantes entre si: o projeto para as escolas prototípicas fluminenses CIEPs, de Oscar Niemeyer (1982-1984) e o da Escola Montessori em Delft, Holanda, elaborado por Herman Hertzberger (1960-1966). Confrontadas, tais concepções apresentam-se antagônicas em vários aspectos, principalmente no que diz respeito às suas respectivas ideologias político-pedagógicas. Tal ideário coloca-se neste trabalho como elemento norteador para as decisões projetuais dos arquitetos nos dois casos em questão. Para tanto, os processos de concepção arquitetônica de Niemeyer e de Hertzberger são observados de forma imbricada com as formulações ideológicas de outros personagens envolvidos na gênese político-pedagógica dos sistemas educativos de cada escola. Os subsídios para as análises dos dois projetos selecionados priorizam a observação de croquis, desenhos técnicos simplificados, vídeos, livros, discursos, além de trabalhos acadêmicos a respeito de ambos os arquitetos.

**Palavras-chave:** Projeto escolar, ideologia, concepção arquitetônica, Oscar Niemeyer, Herman Hertzberger.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar dos proyectos arquitectónicos muy contrastantes entre sí: las escuelas prototipo brasileñas CIEPS de Río de Janeiro, de Oscar Niemeyer (1982-1984) y la Escuela Montessori en Delft, Países Bajos, diseñada por Herman Hertzberger (1960-1966). Ante tales conceptos se presentan antagónicos en varios aspectos, especialmente en relación con sus respectivas ideologías políticas y educativas. Esto pone las ideas en este trabajo como un elemento para orientar las decisiones de los arquitectos de proyección en los dos casos en cuestión. Para ello, los procesos de diseño y arquitectura de Niemeyer Hertzberger se observan tan entrelazadas con las formulaciones ideológicas de otros personajes que intervienen en la génesis de la política-pedagógica de cada uno de los sistemas educativos de cada escuela. Subvenciones para el análisis de dos proyectos prioritarios de la observación de los bosquejos, dibujos técnicos simplificados, videos, libros, discursos y artículos académicos sobre los arquitectos.

**Palabras clave:** Proyecto escolar, ideología, idea arquitectónica, Oscar Niemeyer, Herman Hertzberger.

**Abstract:** This paper aims to analyze two very contrasting architectural projects: the project for Brazilian prototypical schools CIEPs, by Oscar Niemeyer (1982-1984) and the Montessori School in Delft, designed by Netherlands' architect Herman Hertzberger (1960-1966). Faced such antagonistic concepts are presented in several respects, especially with regard to their respective political and educational ideologies. This puts ideas in this paper as an element for guiding the decisions of the projective architects in the two cases in question. For this purpose, the processes of design and architecture of Niemeyer Hertzberger are observed so intertwined with the ideological formulations of other characters involved in the genesis of political-pedagogical each of the educational systems of each school. Subsidies for the analyzes of two selected priority projects the observation of sketches, technical drawings simplified, videos, books, speeches, and academic papers about both architects.

**Keywords:** Scholar design, ideology, architectural design, Oscar Niemeyer, Herman Hertzberger.

## **DUAS DIFERENTES CONCEPÇÕES ARQUITETÔNICAS PARA ESCOLA: UMA NO BRASIL, OUTRA NA HOLANDA**

Uma escola não é apenas o produto resultante de uma ritmada sucessão de salas de aula, além de pátios, biblioteca e auditório. Uma escola não se restringe apenas ao seu espaço físico. Não se limita, ademais, aos seus recursos humanos (professores, alunos e funcionários). Isto posto, o que poderia estar por superar todos esses elementos físicos (humanos e não humanos) e norteá-los, envolvê-los, inseri-los numa determinada atmosfera?

Uma possível resposta coloca-se como o principal argumento deste artigo. O pressuposto é que o “espírito” do edifício escolar segue, acima de tudo, uma determinada ideologia político-pedagógica. Desta forma, tal mote objetiva confrontar o espaço arquitetônico escolar com os preceitos ideológicos que se inserem naquele mesmo espaço físico. Ou seja, busca-se conferir os rebatimentos pedagógicos em projeto de arquitetura, analisando o processo de transposição que se inicia pela sequência de leitura/assimilação/interpretação de certo método pedagógico por um arquiteto e sua conseguinte materialização em projeto escolar.

Para o melhor desenvolvimento das análises, o estudo dos projetos (objetos em questão) recai para duas concepções arquitetônicas bastante contrastantes entre si: o projeto para os CIEPs, de Oscar Niemeyer (1982-1984) e o da Escola Montessori em Delft, Holanda, por Herman Hertzberger (1960-1966). Confrontadas, tais concepções apresentam-se antagônicas em vários aspectos: na ideologia político-pedagógica, na disponibilidade de recursos financeiros e, principalmente, na amplitude dos programas em que tais projetos se inseriram. Entretanto, a presente análise restringe-se apenas aos aspectos que relacionam os princípios ideológicos (pedagógicos e políticos, fundamentalmente), tratando-os como subsídio primaz para as decisões projetuais em arquitetura. Em suma, as ideologias que envolvem uma determinada concepção de escola são tratadas, neste artigo, como o princípio/raiz para as tomadas de decisão projetuais do arquiteto.

Num projeto de escola concebido especificamente para uma metodologia de ensino previamente definida, as ideologias pessoais do autor (o arquiteto), em certa medida, convivem e são superadas pelas ideologias pedagógicas para as quais o

projeto deverá ser desenvolvido. O que Bryan Lawson nomeia como restrições radicais, nada mais são, no caso do projeto escolar, do que as ressalvas impostas pela concepção pedagógica do próprio método de ensino. Ou seja, segundo o autor, essas restrições – as radicais – são “aquelas que tratam do propósito primário do objeto ou sistema a ser projetado (...), ‘o que está na raiz’, ou o que é fundamental” (LAWSON, 2011, p. 103).

Portanto, para a presente análise, os processos de concepção arquitetônica de Niemeyer e de Hertzberger, são observados de forma imbricada com as concepções ideológicas de outros personagens envolvidos na gênese político-pedagógica de cada um dos sistemas educativos de cada escola. Para o caso brasileiro, imprescindível considerar a atuação e filosofias de Leonel Brizola – pai político da idéia, à época governador do estado do Rio de Janeiro, onde os CIEPs foram implantados – e de seu grande parceiro Darcy Ribeiro, mentor intelectual da proposta educacional da instituição. No caso do projeto holandês, diferentemente, as interferências políticas governamentais são desconhecidas. Considera-se, portanto, um ponto de partida pedagógico como princípio essencial, soberano, para as decisões do projeto: o método formulado pela psiquiatra italiana Maria Montessori no início do século XX.

Dentre esses cinco importantes personagens supracitados, nossa ênfase maior recai, conseqüentemente, para os dois personagens arquitetos: Herman Hertzberger e Oscar Niemeyer. Nossas análises priorizam a observação de croquis, desenhos técnicos simplificados, vídeos, livros, discursos, além de trabalhos acadêmicos a respeito de ambos os arquitetos. Tanto Hertzberger quanto Niemeyer possuem sites autorais com série de informações a respeito de suas obras e biografia. Os dois personagens são personalidades icônicas em arquitetura, de amplo reconhecimento e respeitabilidade mundial. Recentemente, em 2012, o arquiteto holandês recebeu medalha de ouro do Royal Institute of British Architects (RIBA); enquanto o projetista brasileiro foi agraciado com o Prêmio Pritzker, em 1988.

Os subsídios para as análises dos dois projetos selecionados também são distintos em substância: Hertzberger muito esmiúça suas decisões em texto, frequentemente publicadas e teorizadas por ele próprio em livros de forte repercussão. Seus desenhos parecem complementar sua teoria: são concisos, claros, informativos,

esquemáticos. Niemeyer, diferentemente, apesar de considerável quantidade de discursos publicados, estes pouco trazem informações que não sejam aquelas a que o arquiteto tanto se acostumou a difundir por toda a sua vida. Em relação à parte gráfica, os belos e artísticos croquis de Niemeyer são quase sempre herméticos e pouco informativos sobre algo que possa ir além de um discurso costumeiramente poético e visionário.

## OS CIEPs: UM NIEMEYER MAIS COERENTE COM O SEU DISCURSO

O projeto dos CIEPs – Centros Integrados de Educação Pública –, concebidos no início da década de 1980, reflete com profundidade um período em que a sociedade brasileira clamava por transformações. Naqueles anos, a já combatida ditadura militar viveria os seus últimos tempos. A volta de respeitáveis expoentes do exílio e a eleição, pouco tempo após, de muitos deles para importantes cargos da República, potencializaram idéias sobre as possibilidades de fortes transformações estruturais, e fizeram com que esse ideário eclodisse nas diversas esferas sociais da nação.

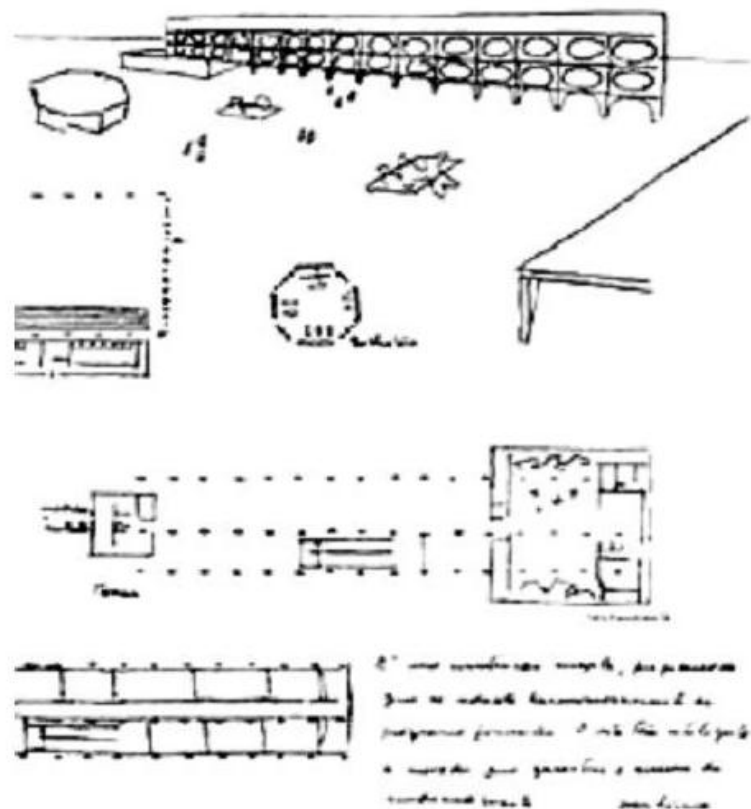
No estado do Rio de Janeiro, uma das principais bandeiras em prol desse espírito de transformação foi a ampla defesa do ensino público, laico e de tempo integral. Em torno desse ideário, em parte materializado nos CIEPs, juntaram-se três grandes personalidades – marcadas, todas elas, por um histórico de lutas em defesa de uma sociedade mais igualitária –, cada qual a serviço de sua principal especialidade: Leonel Brizola, na política; Darcy Ribeiro, na parte pedagógica; e Oscar Niemeyer, autor do projeto arquitetônico.

Tal parceria, muito afinada ideologicamente, resultou num dos raros exemplos em que a arquitetura brasileira pôde ser percebida como materialização fidedigna de uma ideologia de esquerda. A corriqueira arquitetura de Niemeyer, quase sempre onerosa e de execução pouco convencional, fez-se de forma a dar lugar a um protótipo de edifício descomplicado, pré-fabricado, desprovido de curvas, e concebido para a reprodução serial em centenas de unidades. Através da atitude do arquiteto, percebe-se uma clara aceitação de suas próprias “(...) convicções gerais, crenças, compromissos (...) ou, mais simplesmente, opiniões”. (BOUDON et al, 2000, p. 18, tradução nossa). Nesse caso em específico – além dos elementos colocados por Boudon como premissa para as idéias de qualquer arquiteto –, o

pensamento de Niemeyer acaba por atuar sinergicamente com outras variáveis, uma constatação bastante incomum em sua trajetória, justificada pela seguinte declaração: “Quando o problema é econômico, quando a solução que deve ser feita é a mais rápida, aí eu aceito fazer uma coisa mais simples, modulada, pré-fabricada (sic)” (relato extraído de vídeo disponibilizado no site [www.niemeyer.org.br](http://www.niemeyer.org.br)).

Contraditoriamente ao posicionamento político de Niemeyer, sua arquitetura quase sempre se expressou de maneira ostensiva, onde o traço do arquiteto parece se sobrepor acima de todas as coisas. Porém, no caso dos CIEPs, tais antagonismos entre discurso e projeto parecem atenuar-se. As decisões projetuais se apresentam de forma menos personalista e mais próximas dos seus princípios socialistas. Até mesmo uma de suas frases mais conhecidas – proferida frequentemente – parece melhor se encaixar para o projeto dessas escolas: “Meu trabalho não tem importância, nem a arquitetura tem importância pra mim.” (entrevista a Isabel Murray, Portal BBC Brasil, 20 de abril, 2001).

Figura 1: Croquis de concepção dos CIEPs



Fonte: [www.pdt.org.br](http://www.pdt.org.br)

O projeto dos CIEPs desenvolve-se a partir de três partes bem marcadas. Cada uma delas com sua estética própria: o edifício principal, o salão polivalente e a biblioteca (Figura 1). Vistas separadamente, cada parte tem a aparência convencional de um simples edifício modulado. Mas analisadas em conjunto, o complexo de edifícios proporciona perspectivas visuais diversas. Há ainda um quarto elemento, a caixa d'água, que se impõe como contraponto vertical diante da horizontalidade predominante da composição do conjunto. Niemeyer normalmente recorre a essa estratégia do contraponto verticalidade/horizontalidade em vários de seus projetos, como, por exemplo, no Memorial da América Latina (1987), em São Paulo, ou no edifício do Congresso Nacional (1958), em Brasília.

Ainda sobre o desenho da caixa d'água, faz-se presente uma idéia recorrente na obra de Niemeyer: a literalidade. Em alguns casos, ela se mostra explícita – a pomba da paz, no Panteão da Pátria (1986), em Brasília –, em outros projetos, é somente sugerida, como a alusão ao mata-borrão no Colégio Estadual Central (1954), em Belo Horizonte. No projeto dos CIEPs o arquiteto não menciona nenhum aspecto figurativo em sua concepção, porém, a correspondência da caixa d'água com um giz é bastante verossímil.

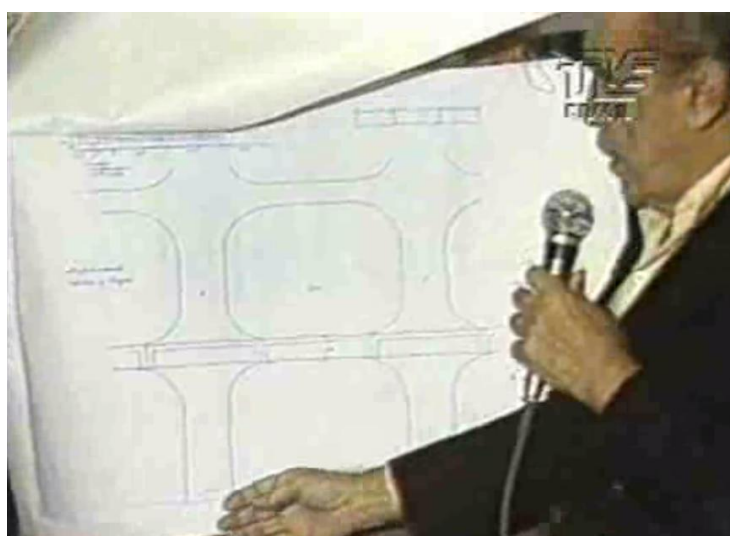
Internamente, há uma incrível obviedade nas soluções. A concepção do edifício principal é a mais convencional possível: duas linhas retas de módulos retangulares (salas de aula) e um corredor central mal iluminado. A rampa foi solucionada num espaço composto por três módulos, o que dificulta a sua apreensão visual e harmonia do conjunto por conta da sobreposição das estruturas modulares e da rampa. No mesmo sentido, os pilotis parecem ser apenas o resultado de um pensamento pouco amadurecido. Em suma, esse pátio-pilotis, a rampa, a iluminação dos ambientes, enfim, o convencionalismo das soluções nos traz a percepção de que o projeto do edifício principal priorizou a aparência externa de sua arquitetura em detrimento da ambientação dos espaços interiores.

Portanto, a maior parte das soluções projetuais parece ter derivação direta do sistema estrutural escolhido (o concreto-armado pré-fabricado) e a relação entre custo da obra e tempo de execução que tal sistema proporciona. Para tanto, percebem-se as imposições e limitações que um projeto-prototípico normalmente apresenta. Entretanto, mesmo que o projeto dos CIEPs seja um protótipo, ele não deixa de emanar a forte expressão artística e a rápida assimilação visual próprias da

obra de Niemeyer. Tais atributos fizeram com que o projeto recebesse duras críticas no sentido de ser não somente uma escola, como também um elemento publicitário em prol candidatura de Brizola à presidência da república, em 1989.

Das conferências para a apresentação desse projeto, Niemeyer fez uso de desenhos técnicos, com informações complementares sobre a modulação estrutural e detalhes (Figura 2). Atitude esta bastante incomum em suas explanações, comumente apoiadas em série de croquis artísticos realizados subitamente.

**Figura 2: Conferência de Niemeyer sobre o projeto dos CIEPs (imagem extraída de vídeo)**



Fonte: [www.niemeyer.org.br](http://www.niemeyer.org.br)

Pouco informativas, contudo, são as indicações para os espaços livres do projeto. A frágil articulação entre os três elementos principais conota uma espécie de composição dominada pela dimensão artística do projeto, em detrimento de um caráter prático, funcional. Essa articulação se assemelha a um jogo de peças, variando-se segundo as características de cada sítio de implantação. Todavia, as especificidades locais não são consideradas em sua plenitude, já que a proposta não sofre nenhum tipo de aclimatação local. Mesmo que o Rio de Janeiro seja um dos menores estados da federação em termos territoriais, aquela região apresenta diferenças climáticas consideráveis, principalmente entre as porções serranas e litorâneas.

O propagado caráter inovador do projeto, muito provavelmente se deva mais ao seu sistema educacional em tempo integral (até aquela época um tanto incomum), do

que ao seu projeto de arquitetura, propriamente. Nesse sentido, até mesmo as características enaltecidas no discurso de Niemeyer sobre os CIEPs parecem fazer muito mais referências aos méritos de Darcy Ribeiro do que à sua própria concepção arquitetônica: “[Essas escolas] nada têm a ver com as antigas escolas. Não visam apenas atender o ensino, mas também manter as crianças longe das ruas (...)” (NIEMEYER, 1998. p. 33),

## A PRIMEIRA LEITURA DO MÉTODO MONTESSORI POR H. HERTZBERGER

O arquiteto holandês Herman Hertzberger tem em seu currículo uma série de notáveis projetos escolares. Muitos deles concebidos especificamente para instituições montessorianas, principalmente na Holanda, país onde esta proposta pedagógica alcançou forte repercussão e importância.

A Escola Montessori Delft (1960-1966), concebida para a cidade holandesa de mesmo nome, foi o primeiro exercício projetual de Hertzberger para atender a um programa consonante com o peculiar sistema educacional proposto (e vastamente experimentado ao redor do mundo) pela psiquiatra italiana Maria Montessori ao longo da primeira metade do século XX.

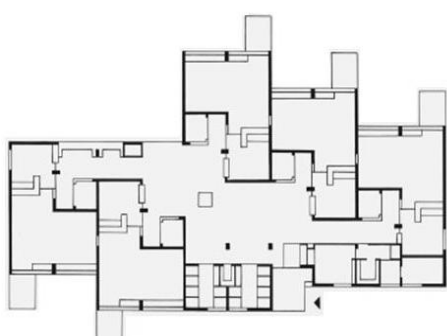
Montessori propôs uma metodologia de ensino que preconizava, dentre outras coisas, a individualidade do aluno e a associação do espaço escolar com o ambiente doméstico. Desta forma, a sala de aula montessoriana conforma-se como um espaço múltiplo, composto por uma série de recintos diversificados. Nela, o quadro negro não é o principal ponto focal, como numa classe convencional, e os espaços que poderiam ser residuais e ociosos passam a ser potencializados a partir da inserção de coisas ou objetos atrativos. Assim, e de acordo com as referências (espaciais, orais, sinestésicas) domésticas, é como se a classe fosse o lar, e a professora, a tia.

A leitura de Hertzberger para tanto, ocorre em duas escalas. A primeira delas, a da sala de aula – e sua alusão à idéia de casa –, se dá em forte consonância com a pedagogia em questão. A segunda escala, a urbana, é uma amplificação da primeira. Uma licença poética advinda do arquiteto holandês que procura articular o espaço entre as salas de aula/ “lares” como algo similar ao ambiente da rua.



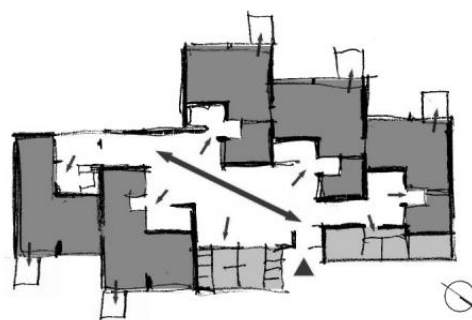
No projeto arquitetônico, cada sala de aula possui uma espécie de alpendre, que se coloca como um elemento de transição entre as classes e o espaço do pátio. Isso demonstra as preocupações do arquiteto em criar possibilidades para o estímulo das relações pessoais de forma equilibrada, respeitando-se a individualidade da criança preconizada por Montessori. Assim, o projeto parece potencializar o encontro das diferenças – mas de maneira controlada e pouco aleatória –, preferencialmente nesses espaços de transição.

Figura 3: Planta baixa Escola Montessori Delft.



Fonte: [www.ahh.nl](http://www.ahh.nl)

Figura 4: Croqui escola Montessori



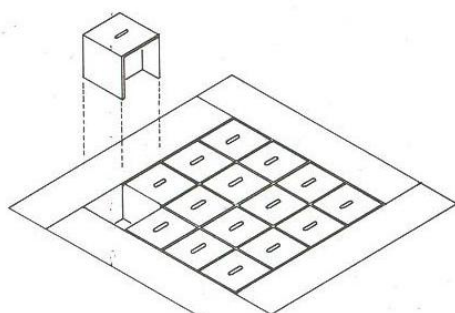
Fonte: [ivarskalvans.blogspot.com](http://ivarskalvans.blogspot.com)

Esta característica da transitoriedade não se dá somente entre as classes e o pátio. Fora proposto também um outro elemento, logo na entrada do edifício, que serve de alpendre para todo o conjunto da escola (Figura 3). Ou seja, essa sequência de espaços de permeabilidade gradual cria uma atmosfera mais intimista, seguindo-se os preceitos pedagógicos acerca do cuidado, respeito e expressão inata de cada criança. Desta forma, percebe-se, através dessa sequência de transição, uma forte preocupação de Hertzberger com relação à gradação dos espaços, iniciando-se pelo espaço exterior da escola (mais agregado), passando-se pelo alpendre da escola, depois pelo pátio, alpendres das classes e, por fim, chegando-se aos espaços mais segregados, as salas de aula. Uma vez que, na concepção do arquiteto, “uma escola primária deveria ser mais do que uma mera abertura através da qual as crianças são engolidas quando as aulas começam e expelidas quando elas terminam.” (HERTZBERGER, 1991, p. 33). Tais preocupações também se apresentam graficamente nos croquis em que o arquiteto procura antever as linhas de movimento dos usuários através dessa sequência gradativa entre os ambientes (Figura 4).

Para a Escola Delft, todo o projeto desenvolveu-se com base na linha reta e nas modulações dispostas diagonalmente em grelha, dando-se certa sensação de dinamismo, menos rigidez ao conjunto da proposta. Provavelmente esta solução tenha sido uma estratégia para suavizar a opção do arquiteto por blocos construtivos aparentes, de aspecto sóbrio. Percebe-se também que a modulação se constitui como o resultado aritmético da disposição desses blocos aparentes: uma referência direta ao material dourado montessoriano, utilizado para o aprendizado da matemática através da interação sinestésica entre tato e a visão, entre o peso e o volume.

Chamam a atenção dois inusitados elementos inseridos no espaço do pátio. O primeiro faz referência às permanências, multiplicidade e imprevisibilidade do espaço urbano; nas palavras do arquiteto, o elemento fora concebido como um bloco “que se torna uma ‘pedra de toque’, e contribui para a articulação do espaço de tal modo que aumenta a gama de suas possibilidades de uso”. (HERTZBERGER, 1991. p. 153). O segundo elemento (figuras 5 e 6), ao contrário, é percebido apenas nas suas sutilezas e convida o usuário ao desbravamento. Trata-se de uma caixa quadrada “preenchida por blocos de madeira soltos, que podem ser tirados e colocados em torno do quadrado para formar um arranjo de assentos”. (HERTZBERGER, 1991. p. 154). Novamente, uma clara referência projetual ao material dourado montessoriano.

Figura 5: Desenho elemento subtrativo



Fonte: [www.ahh.nl](http://www.ahh.nl)

Figura 6: Imagem elemento subtrativo



Fonte: [www.ahh.nl](http://www.ahh.nl)

Em suma, a concepção para Escola Delft atinge um nível intenso de comunhão entre a proposta pedagógica e a arquitetônica a ponto de dificultar a percepção do

que seria uma ou outra categoria propositiva. Além disso, percebem-se as preocupações de Hertzberger com a escala humana e a articulação prática entre usuários e espaços arquitetônicos propostos. No entendimento de Bryan Lawson, em deferência nossa ao comportamento do arquiteto holandês, “(...) não se pode projetar num vácuo social. Na verdade é a própria existência de outros participantes, tais como clientes, usuários e legisladores, que torna a atividade de projetar tão desafiadora.” (LAWSON, p.219, 2011).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os dois projetos analisados, percebe-se uma clara materialização ideológica em ambas as propostas, transpondo-se um determinado pensamento da disciplina pedagógica para a arquitetônica. No caso dos CIEPs, as ideologias pessoais de Niemeyer misturam-se com as ideologias programáticas do projeto. Na concepção para a Escola Delft, Hertzberger posiciona-se como um leitor atento do método Montessori, em busca da instrumentalização de tal ideologia ao adotar soluções arquitetônicas bastante coerentes para o sistema educacional daquela instituição.

O Niemeyer apresentado deixa em segundo plano a sua recorrente personalidade de gênio criador em prol de uma pretensa filosofia socialista, compartilhada conjuntamente com os outros dois coautores da empreitada em questão. O Hertzberger aqui estudado é o arquiteto debutante para com a metodologia montessoriana que, mesmo após outros vários projetos similares, que viria a conceber nos anos seguintes, conseguiu manter posicionamento notável e generoso em relação à interpretação daquela pedagogia.

A diferença programática das duas escolas materializa-se em dois projetos bastante contrastantes entre si. Hertzberger aproveita-se dos desdobramentos advindos da maturação projetual, atentando-se enormemente para os detalhes. Além disso, parece sempre estar à procura de possibilidades utilitárias, muitas vezes, onde menos se espera. Nesse processo, o arquiteto arrisca-se a prever o comportamento dos usuários e se esforça para extrair o máximo de cada espaço ou objeto: uma passagem que pode convidar à permanência prolongada, um banco que surge de um estado de camuflagem, ou um guarda-corpo que deixa de ser somente um elemento de proteção. Hertzberger, em leitura atenta da ideologia montessoriana,

potencializa a idéia de espaço comunitário para todo o conjunto da escola, conformando-a em uma espécie de microcosmo urbano.

Diferentemente, o projeto dos CIEPs parece expressar o próprio traço súbito característico de Niemeyer. As decisões projetuais priorizam um plano mais global e pouco se atentam para a escala dos detalhes. Sua ênfase maior é estética. Seu ato de conceber arquitetura, no caso em questão, vai ao encontro de um discurso que transita entre a poesia e a revolução (no caso, a socialista). O espírito de genialidade insiste em fazer-se perceber como algo intrínseco à sua personalidade, tanto nos seus relatos aforísticos (sobre arquitetura e tudo mais, por vezes vagos e repetitivos), quanto nos emblemáticos posicionamentos políticos. Tais elementos, pouco objetivos acerca de sua vida e obra, possivelmente sejam o principal motivo a dar vazão às múltiplas interpretações sobre seu verdadeiro processo projetual.

Diante das análises, percebe-se o imbricamento entre trajetórias e obras dos arquitetos em questão. E também como estas obras circunscrevem-se num determinado contexto histórico e ideológico. Partindo-se de uma mesma premissa arquitetônica – o edifício escolar – apresentaram-se duas concepções que reúnem princípios geradores de diversas ordens, sejam eles pessoais, doutrinários, governamentais. Ou seja, a leitura sobre o processo de concepção do espaço arquitetônico procurou evidenciar as filosofias engastadas a cada um dos casos analisados.

Por fim, ressaltamos que o caráter analítico que este trabalho trilhou não deve ser entendido como algo preciso, cartesiano; muito menos, e ao contrário, como algo onde reina apenas a subjetividade, a relatividade e a multiplicidade interpretativa. Tomando-se como referência Pareyson (2001, p. 224-225), nossa leitura acerca dos dois projetos investigados buscou situar-se num ponto analítico intermediário de dois lados diferentes: no primeiro enxerga-se a interpretação como algo que é somente uma aproximação do objeto, em que ela apenas gira em torno dele, deixando escapar a sua essência profunda; e no segundo diz-se que a interpretação tem caráter pessoal, não nos dando a realidade do objeto, mas a imagem que fazemos dele.

## REFERÊNCIAS:

BOUDON, P.; DESHAYES, P.; POUSIN, F.; SCHATZ, F. **Enseigner la Conception Architecturale – Cours d'Architecturologie**. Paris: Éditions de la Villette, 2000.

CASTRO, C. D. M. S. **O espaço da escola na cidade: CIEP e arquitetura pública escolar**. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/4179>>. Acesso em: 13 jul. 2012.

HERTZBERGER, H. **Lições de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HERTZBERGER, H. **Site do atelier do arquiteto Herman Hertzberger**. Disponível em: <<http://www.ahh.nl>> acesso em: 13 jul. 2012.

LAWSON, B. **Como Arquitetos e Designers pensam**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

MAHFUZ, E. **Ensaio sobre a razão compositiva**. Belo Horizonte: UFV/AP Cultural, 1995.

MONTESSORI, M. **A criança**. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1983.

MONTESSORI, M. **Para desenvolver o potencial humano**. Campinas: Papirus, 2003.

NIEMEYER, O. **Site do atelier do arquiteto Oscar Niemeyer**. Disponível em: <<http://www.niemeyer.org.br>> acesso em: 13 jul. 2012.

NIEMEYER, O. **As Curvas do Tempo. Memórias**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

PDT. **Site do Partido Democrático Trabalhista**. Disponível em: <<http://www.pdt.org.br>> acesso em: 13 jul. 2012.

PAREYSON, L. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RIBEIRO, D. **O livro dos CIEPs**. Rio de Janeiro: Bloch, 1986.